

Autoeficácia e síndrome do impostor em pós-graduandos: um retrato da pandemia da covid-19

Clarissa Maria Marques Ogeda
Fernanda Delai Lucas Adurens
Ketilin Mayra Pedro

RESUMO

O isolamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde, durante o período de pandemia da COVID-19, pode elevar os níveis de ansiedade e estresse nos estudantes, afetando assim sua produtividade. O objetivo desta pesquisa consistiu em avaliar os níveis de autoeficácia e de Síndrome do Impostor em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, durante a pandemia da COVID-19. Tratou-se de um estudo de caráter quantitativo no qual 200 estudantes de Pós-graduação *stricto sensu* responderam um formulário *online* que contemplava: um questionário sociodemográfico, a Escala Síndrome do Impostor de Clance e a Escala de Autoeficácia no Ensino Superior. Verificou-se que as duas escalas apresentaram correlação estatisticamente significativa e inversamente proporcional, ou seja, quanto maiores os níveis de Autoeficácia, menores os níveis da Síndrome do Impostor. Os pós-graduandos, em relação à Autoeficácia, se autoavaliaram em níveis altos a elevados, em sua maioria. Por sua vez, na Síndrome do Impostor, os respondentes avaliaram-se nos níveis alto ou moderado.

Palavras-chave: pós-graduação; COVID-19; autoeficácia; síndrome do impostor.

ABSTRACT

Self-efficacy and impostor syndrome in graduate students: a portrayal of covid-19 pandemic

The social isolation recommended by the World Health Organization, during the COVID-19 pandemic, can raise levels of anxiety and stress in students, which affect their productivity. This study aimed to evaluate the levels of self-efficacy and the Impostor Syndrome in *stricto sensu* graduate students, in the context of the COVID-19 pandemic. It was a quantitative study that had as participants a convenience sample comprised of 200 *stricto sensu* graduate students. The participants answered an *online* form that included a sociodemographic questionnaire, the Clance Impostor Phenomenon Scale, and the Self-efficacy Scale in higher education. It was verified that the two scales presented statistically significant and inversely proportional correlation, that is, the higher the levels of Self-efficacy, the lower the levels of Impostor Syndrome. Postgraduates, in relation to Self-efficacy, assessed themselves at high to higher levels, mostly. In turn, in Impostor Syndrome, the respondents evaluated themselves at high or moderate levels.

Keywords: graduate studies; COVID-19; self-efficacy. impostor syndrome.

No final de 2019, a população mundial foi surpreendida por uma ameaça invisível, que contaminou, até janeiro de 2022, mais de 355 milhões de pessoas e resultou em mais de 5,6 milhões de mortes¹. A Organização Mundial da Saúde (OMS) nomeou a doença causada pelo novo coronavírus como COVID-19; assim, COVID significa *Corona Virus Disease* (Doença do Coronavírus) e o número 19 refere-se ao ano de surgimento, quando os primeiros casos da doença foram confirmados na cidade chinesa de Wuhan.

¹Dados atualizados em 25 de janeiro de 2022.

Sobre os autores

C. M. M. O.
<https://orcid.org/0000-0002-2293-8388>
Faculdade de Filosofia e Ciências "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Campus Marília
clarissaogeda@gmail.com

F. D. L. A.
<https://orcid.org/0000-0002-4741-5532>
Faculdade de Filosofia e Ciências "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Campus Marília
fernandadla10@gmail.com

K. M. P.
<http://orcid.org/0000-0002-1893-5002>
Universidade Federal de São Carlos

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Devido ao período pandêmico e às recomendações de distanciamento social das autoridades sanitárias, os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* transferiram suas atividades para a modalidade remota. Assim, mestrandos e doutorandos tiveram que manter suas rotinas de estudos e produtividade, mesmo em uma situação atípica, com grandes implicações no âmbito econômico, social e emocional.

Segundo Hodge et al. (2020), o ensino remoto emergencial deve ser considerado como uma mudança necessária e temporária em circunstâncias de crise. Diferentemente da modalidade de Educação à Distância (EAD), a qual conta com uma estrutura sistematizada e uma equipe profissional para planejar, desenvolver e ofertar os conteúdos em ambientes virtuais de aprendizagem, o objetivo do ensino remoto é proporcionar acesso temporário às atividades curriculares que seriam desenvolvidas presencialmente, portanto, em caráter emergencial.

Dias e Pinto (2020) apontam que o isolamento social eleva os níveis de ansiedade, depressão e estresse nos estudantes, destacando o quanto as instituições de ensino precisam estar atentas a isso. Segundo a Organização Panamericana de Saúde (2009, p. 4), no que diz respeito à saúde mental, “uma epidemia de grande magnitude implica em uma perturbação psicossocial que pode ultrapassar a capacidade de enfrentamento da população afetada”.

Enumo e Linhares (2020) reforçam os efeitos negativos da pandemia na vida das pessoas e alertam para o fato de que alterações repentinas no cotidiano e o rompimento de uma rotina já estabelecida podem potencializar problemas de saúde mental nos indivíduos. Segundo os autores, há evidências científicas que revelam alterações nos quadros de ansiedade, depressão e pânico, em decorrência do distanciamento social. O estudo de Raony et al. (2020) alertou para a necessidade de as autoridades políticas e de saúde estarem atentas com a saúde mental de pessoas infectadas ou não pela COVID-19; sublinhou também a necessidade de desenvolver medidas de prevenção e atendimento relacionadas aos aspectos psicológicos e emocionais da população, nesse momento.

Maia e Dias (2020) investigaram 460 estudantes universitários, com o objetivo de analisar se os níveis de depressão, ansiedade e estresse se alteraram no período pandêmico. Os participantes apresentaram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse, durante a pandemia, sugerindo assim um impacto psicológico negativo na vida dos estudantes.

Alguns estudos enfatizam a presença de hostilidade no meio acadêmico, como “situações de assédio moral, seja pelo abuso de poder, pressões e cobranças, vaidades/ego ou pela recusa de diferença” (Nunes & Melo Neto, 2018, p. 2). De acordo com os autores, tais situações estão associadas, frequentemente, com agressões advindas dos próprios docentes e direcionadas aos pares e aos estudantes. A Pós-Graduação *stricto*

sensu, em geral, demanda um intenso trabalho intelectual, exigindo altos níveis de desempenho, tanto dos estudantes quanto dos professores, uma vez que esta modalidade de ensino prepara os discentes para a carreira de pesquisador e docente em nível superior. A pesquisa de Coelho (2019) explora a temática e aponta que o ambiente acadêmico pode desencadear quadros de ansiedade positivos ou patológicos quando em níveis exagerados, interferindo na concentração, causando distração e prejudicando o desempenho. Tal fato tem despertado o interesse pela temática da saúde mental em pós-graduandos.

A Teoria Social Cognitiva indica que os sujeitos são permeados por autocrenças, as quais mobilizam suas ações, pensamentos e comportamentos, em determinados contextos e situações (Matos, 2014). Os sujeitos se autoavaliam, com base em seus estados somáticos e emocionais. Dessa maneira, acabam por interpretar suas tensões e reações de estresse como indicadores de ineficácia, de modo que essas crenças são preditivas de intenção e ação (Bandura, 1998).

Bandura (1998) explorou de forma sistemática uma dessas autocrenças: a Autoeficácia. Para o autor, ela pode ser concebida como as crenças que o indivíduo tem na própria capacidade de organização e execução das ações para alcançar os desejados níveis de realização. O senso de eficácia pessoal pode ter diferentes implicações e influências. “Ela pode implicar a regulação da própria motivação, processos de pensamento, os estados afetivos e comportamentos padrões, ou ainda alterações das condições ambientais, dependendo de quais os aspectos da vida procuram-se gerir” (Bandura, 1988, p. 625).

O senso de Autoeficácia pode se relacionar com outro fenômeno, denominado Síndrome do Impostor, “na medida em que a teoria da auto-eficácia apresenta relação com a avaliação dos resultados das ações e a Síndrome do Impostor, na atribuição do sucesso ou fracasso à capacidade ou ao esforço” (Matos, 2014, p. 14). Destaca-se que os dois atributos citados são individuais e podem se manifestar de diferentes maneiras.

Coelho (2019) realizou estudo com o objetivo de relacionar a autoeficácia com a ansiedade e motivação em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*. Valendo-se de uma amostra de 322 discentes de 33 programas diferentes, o autor constatou que 12,7% apresentavam altos níveis de ansiedade, sendo que as pessoas do gênero feminino se demonstraram significativamente mais ansiosas que as do gênero masculino, por meio de uma análise estatística. Sobre a autoeficácia, a amostra mostrou-se positiva e negativamente relacionada com a ansiedade.

A Síndrome do Impostor foi descrita pela primeira vez, na literatura, em 1978, pelas autoras Clance e Imes, ao estudarem o desempenho acadêmico e profissional de mulheres que se avaliavam negativamente. Embora os estudos iniciais tenham sido realizados com mulheres, algumas pesquisas apontam que a síndrome não está ligada apenas ao gênero (Cokley et al., 2013).

O fenômeno do Impostor é utilizado para descrever uma experiência particular de falsidade intelectual, que pode ser mais intensa em mulheres com alto desempenho. De acordo com Haney et al. (2018), a síndrome do impostor pode criar sentimentos de dúvida em indivíduos, o que pode resultar em paralisia emocional impedindo-os de alcançar seu potencial máximo. Os autores ainda indicam que 70% das pessoas já tiveram sentimentos relacionados à síndrome do impostor ao menos uma vez na vida. Os estereótipos e os papéis sociais que são desempenhados por homens e mulheres podem contribuir para o desenvolvimento da síndrome, apesar de excelentes realizações acadêmicas e/ou profissionais (Clance & Imes, 1978).

Poucos estudos investigaram a relação entre a Autoeficácia e a Síndrome do Impostor. Ao efetuarmos uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando os seguintes descritores em língua portuguesa e inglesa, ((Auto-eficácia OR Autoeficácia) AND ("Fenômeno Impostor" OR "Síndrome do Impostor")), foram levantados dois trabalhos internacionais (Haney et al., 2018; Ladonna et al., 2018). Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, usando a mesma estratégia de busca, recuperou-se uma Dissertação de Mestrado, que atende ao escopo teórico desta pesquisa (e.g., Matos, 2014).

A pesquisa de Haney et al. (2018) descreveu um programa educacional elaborado para profissionais da área da saúde na identificação, compreensão e abordagem da Síndrome do Impostor. Participaram da pesquisa 447 estudantes de diferentes cursos, da área da saúde, entre eles bacharéis, mestrandos e doutorandos, de modo que todos participaram de um programa educacional formativo e posteriormente foi aplicada a Escala de Clance. Os resultados indicaram que 50% do grupo obteve score de 60 ou mais na escala, após a participação no programa, que teve duração de 2 semanas, em que eles expressaram sentimentos de libertação, empoderamento e desenvolvimento de estratégias pessoais visando diminuir os efeitos da síndrome.

Ladonna et al. (2018) tiveram como objetivo compreender e identificar estratégias para apoiar 28 médicos com sentimentos de baixo desempenho, o que pode acarretar ansiedade, culpa e insegurança. Para tanto, foram utilizadas entrevistas, nas quais os participantes se identificavam com a síndrome, questionavam a validade das suas realizações, mas nem todos se identificavam como impostores, sendo que essa ocorreu em casos extremos de dúvidas sobre si mesmos.

Os apontamentos de ambas as pesquisas revelaram que a Síndrome do Impostor é um fenômeno pouco compreendido e há necessidade de identificar estratégias de apoio profissional, principalmente na área da saúde. Diante do exposto, o objetivo deste estudo consistiu em avaliar os níveis de Autoeficácia e de Síndrome do Impostor em estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, em contexto de pandemia da COVID-19. Espe-

cificamente, pretendeu-se analisar a relação entre as escalas, bem como das escalas e as variáveis gênero e número de publicações científicas em periódicos qualificados.

MÉTODO

Esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva e quantitativa. Segundo Sampieri et al. (2006, p. 101), nesse tipo de pesquisa, os investigadores "medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado". Os procedimentos éticos foram respeitados e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o parecer de nº 4.081.649. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi encaminhado juntamente com o instrumento e assinado, por meio de caixa de seleção, demonstrando concordância.

Os participantes responderam a um formulário *online* elaborado no *Google Forms* que contemplava: um questionário sociodemográfico, a Escala Síndrome do Impostor de Clance (*Clance Impostor Phenomenon Scale - CIPS*) (Clance, 1985) e a Escala de Autoeficácia no Ensino Superior (Polydoro & Guerreiro-Casanova, 2010). Foi realizado um estudo-piloto com três estudantes de Pós-Graduação, o que confirmou a viabilidade de autoaplicação dos instrumentos.

A escala CIPS foi desenvolvida originalmente em inglês, por Clance, em 1985, com a finalidade de identificar indicadores da Síndrome do Impostor, tendo sido traduzida para a língua portuguesa por Matos (2014). O questionário é composto por 20 itens, divididos em três fatores: 1) medo da avaliação - Exemplo: Tenho medo dos outros me avaliarem e, se possível, evito avaliações; 2) medo de não ser capaz de repetir o sucesso - Exemplo: Muitas vezes tenho sucesso em uma tarefa, embora temesse que eu não a executaria bem antes de eu assumi-la; e 3) medo de ser menos capaz do que outros - Exemplo: Eu tenho medo que os outros vão descobrir o quanto de conhecimento me falta. O respondente deve assinalar um dos itens de uma escala de frequência de cinco pontos, do tipo Likert, a qual varia de 1 (não é de todo verdade) a 5 (muito verdadeiro). O estudo de validação se deu com 201 estudantes universitários e 252 estudantes de pós-graduação. Os resultados permitiram concluir que a escala apresenta validade e consistência interna, conferidas pelo *Alfa de Cronbach* com valor superior a 0,90 (Bezerra et al., 2021).

A amostra da presente pesquisa, formada por conveniência, foi composta por 200 estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, convidados a participar da pesquisa, a partir das redes sociais das autoras (*Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*). O formulário ficou disponível entre os dias 10 e 30 de junho de 2020, o tempo médio de resposta foi de 20 minutos. As seguintes instruções foram apresentadas antes de iniciar o preenchimento

do questionário: Esta pesquisa tem por objetivo verificar a relação entre autoeficácia e síndrome do impostor em estudantes de Pós-Graduação (MESTRADO E DOUTORADO), em contexto de pandemia. Por não se tratar de um teste, não há respostas certas ou erradas. A resposta ao questionário é individual e os dados serão utilizados somente em publicações científicas, sem a identificação dos respondentes.

A análise desta escala ocorreu de acordo com os pressupostos da autora do instrumento, que determinou um escore mínimo de 20 e máximo de 100, sendo atribuídos pontos de um a cinco, conforme a resposta do informante. Quanto à pontuação total, segundo Clance (1985), os indicadores da síndrome são considerados: nível elevado – 80 pontos ou mais; nível alto – entre 61 e 80 pontos; nível moderado – entre 41 e 60 pontos; nível baixo – menor que 40 pontos.

Segundo Polydoro e Guerreiro-Casanova (2010), a Escala de Autoeficácia no Ensino Superior é do tipo Likert, com 10 pontos, sendo 1 (pouco capaz) e 10 (muito capaz). Contém 34 itens, divididos em cinco dimensões: 1) Autoeficácia acadêmica - Exemplo: quanto sou capaz de aprender os conteúdos que são necessários à minha formação?; 2) Autoeficácia na regulação da formação - Exemplo: quanto sou capaz de planejar ações para atingir minhas metas profissionais?; 3) Autoeficácia na interação social - Exemplo: quanto sou capaz de expressar minha opinião quando outro colega de sala discorda de mim?; 4) Autoeficácia em ações proativas - Exemplo: quanto sou capaz de manter-me atualizado sobre as novas tendências profissionais na minha área de formação?; e 5) Autoeficácia na gestão acadêmica - Exemplo: quanto sou capaz de me esforçar nas atividades acadêmicas? O estudo de validação concluiu que a escala demonstra elevada consistência interna (0,94, variando entre 0,80 a 0,81) aferida pelo *Alfa de Cronbach* (Polydoro & Guerreiro-Casanova, 2010).

Na investigação que aqui se apresenta, para a análise desta escala, foram considerados os escores obtidos por meio das respostas de cada participante. A pontuação que indica os diferentes níveis de Autoeficácia, definidos pelas autoras da escala, é a seguinte: nível elevado – escores acima de 256 pontos; nível alto – escores entre 171 e 255 pontos; nível moderado – escores entre 86 e 170 pontos; e nível baixo – escores menores que 85 pontos.

As análises de dispersão, por meio dos quartis e intervalos interquartílicos, e análises estatísticas correlacionais, por meio da correlação de *Spearman*, foram efetivadas através do *Software BioEstat 5.3*.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram apresentados em quatro tópicos: caracterização dos participantes, Síndrome do Impostor, Autoeficácia e relação Síndrome do Impostor X Autoeficácia.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Com relação à caracterização dos participantes, segundo a faixa etária, verificou-se que 104 (52%) se inserem na faixa etária de 20 a 30 anos, 67 (33%) de 31 a 40 anos, 19 (10%) de 41 a 50 e 10 (5%) de 51 a 60 anos. Evidencia-se, dessa maneira, que 85% dos respondentes têm menos de 40 anos, o que converge com os dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao revelar pós-graduandos cada vez mais jovens. De acordo com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), os doutores brasileiros pertencem a uma faixa etária cada vez menor, sendo que, em 2014, a idade média dos doutores estava na faixa dos 37 anos (CAPES, 2020).

No que diz respeito ao gênero, 155 (78%) dos respondentes são do gênero feminino, 45 (22%) do masculino. Indicadores da CAPES evidenciam que as mulheres são maioria, nos cursos de Pós-Graduação, assim como entre os bolsistas, dados revelam que, de um total de 325.655 pós-graduandos, 175.419 eram mulheres (CAPES, 2020).

No que concerne à cor/raça, 157 (79%) se autodeclararam como brancos, 25 (13%) como pardos, 11 (6%) como negros e 7 (2%) como amarelos, indígenas, mestiços ou preferiram não informar. Segundo os microdados do Censo Escolar de 2010 sobre os pós-graduandos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), 72,2% se autodeclararam brancos, 24,9% negros, 20,6% pardos e 4,3% pretos, o que diverge dos dados da população brasileira em geral, nos quais 50,9% das pessoas se declararam como negras, 47,5% brancas, 43,4% pardas e 7,5% pretas. Tal fato revela uma desigualdade nas possibilidades de acesso e permanência para os negros, nos níveis mais elevados de ensino.

Dos respondentes, 149 (74%) estavam cursando o Mestrado e 51 (26%), o Doutorado. De acordo com os dados da CAPES (2018), havia 173.671 estudantes em nível de Mestrado e 114.867 em nível de Doutorado, dados que convergem com os achados desta pesquisa, ao indicar um maior número de estudantes no Mestrado. É importante destacar que, no cenário nacional, há 2.156 programas de Mestrado, considerando as modalidades profissional e acadêmica, e 82 programas de Doutorado (CAPES, 2019).

Quanto ao financiamento para a realização de pesquisas, 121 (61%) as efetuavam sem nenhum tipo de fomento, enquanto 79 (39%) eram beneficiárias de bolsas de pesquisa. Conforme os dados da GeoCapes (CAPES, 2020), atualmente são 44.232 bolsistas de Mestrado e 43.327 de Doutorado, sendo que a maior parte dos fomentos da CAPES se concentra na área de Ciências Humanas.

Os participantes da pesquisa, em sua maioria, estão vinculados a programas de Pós-Graduação no estado de São Paulo, nas áreas da Educação e Psicologia, com formação inicial em cursos de Licenciaturas, Psicologia, Ciências Sociais e cursos

da área da Saúde (Odontologia, Fonoaudiologia, Medicina e Enfermagem). Dados oficiais indicam que o estado de São Paulo concentra o maior número de programas de Pós-Graduação *stricto sensu* do país (CAPES, 2019).

Com relação ao número de publicações científicas em periódicos qualificados, identificou-se que 71 (36%) publicaram de um a três artigos, até a data da coleta de dados, 69 (35%) dos respondentes alegaram não ter nenhuma publicação em periódico qualificado, 36 (18%), de quatro a seis artigos, 12 (6%) têm de sete a nove e o restante 11 (5%) possui mais de dez publicações. A produtividade é um aspecto importante para o acesso e permanência na Pós-Graduação *stricto sensu*, uma vez que um dos quesitos para ingresso aos programas se relaciona ao Currículo *Lattes*, da mesma forma que a distribuição de bolsas de fomento, em algumas instituições de Ensino Superior. Como consequência, Silva et al. (2014) afirmam que a produção e a divulgação científica não atendem mais ao seu objetivo primeiro, mas estão associadas à lógica imediatista da produtividade, “pois no meio acadêmico não mais se reconhece o pesquisador pela qualidade de sua produção ou pelo alcance social de suas publicações, mas sim pela quantidade, sobretudo das publicadas em periódicos com fator de impacto” (p. 1439).

SÍNDROME DO IMPOSTOR

Ao analisar os resultados da escala CIPS, a qual mensura os níveis da Síndrome do Impostor, observa-se que a maioria dos respondentes se avaliou no nível alto ou moderado, conforme apresenta a Figura 1.

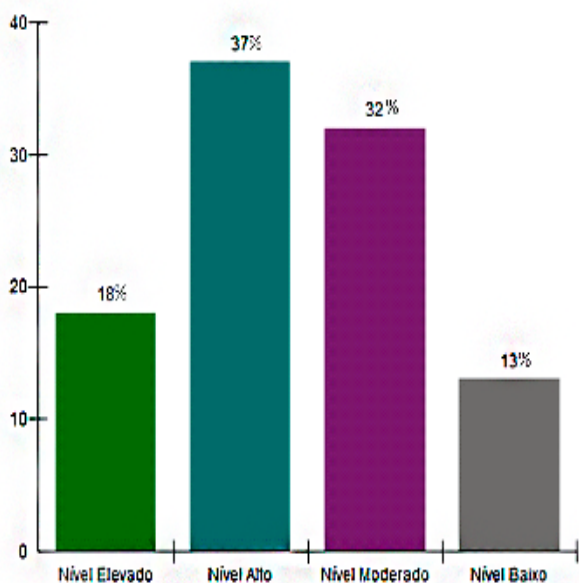


Figura 1. Níveis da Síndrome do Impostor

Ao considerar o nível alto e moderado da síndrome, constata-se, na Figura 1, que 138 (69%) dos respondentes foram classificados nesses patamares. O estudo de Meurer e Costa (2020) analisou a relação entre a Síndrome do Impostor e o comportamento acadêmico de 1.816 pós-graduandos *stricto sensu* de cursos da área de Negócios. Os dados indicaram que os níveis mais elevados de sentimentos impostores estão ligados positivamente à manifestação de comportamentos acadêmicos negativos.

Ao relacionar o rendimento dos pós-graduandos com o período pandêmico, Carneiro et al. (2020) indicam que a pandemia ocasionou algumas dificuldades para a realização e a continuidade das pesquisas. Além das dificuldades de acesso aos laboratórios, institutos e bibliotecas, há que se considerar também as dificuldades pessoais de cada pesquisador, sobretudo daqueles que têm filhos ou familiares de grupos de risco. Os autores acrescentam que as mudanças provocadas pelo distanciamento social impulsionam a desigualdade de gênero entre pesquisadores, de modo que as dificuldades durante a pandemia são mais acentuadas para mulheres com filhos pequenos (Carneiro et al., 2020).

ESCALA DE AUTOEFICÁCIA

Com respeito à Escala de Autoeficácia, a maioria dos pós-graduandos (184) se avaliou nos níveis alto e elevado, que correspondem a 92% das respostas, conforme a Figura 2, indicando que a amostra se autoavalia de forma substancial como autoeficaz.

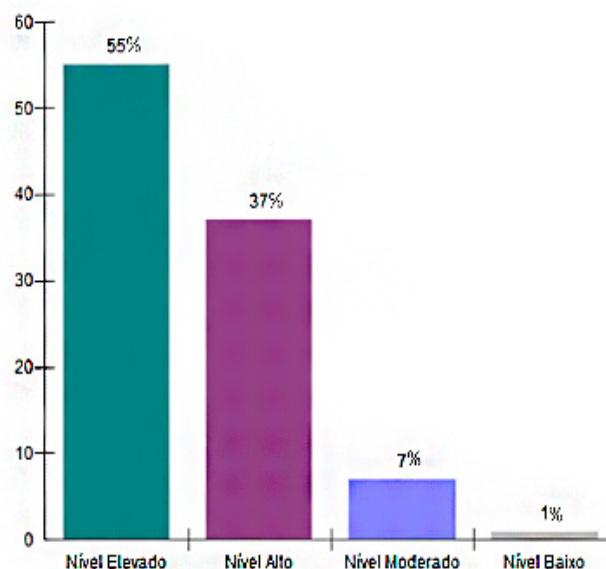


Figura 2. Níveis de Autoeficácia no Ensino Superior

Shirahmadi et al. (2020) encontraram resultados que convergem com esses achados, ao avaliar a Autoeficácia de profissionais da área da Odontologia, em meio à pandemia da COVID-19. A maioria dos avaliados apresentou índices altos de Autoeficácia.

Os dados do trabalho de Matos e laochite (2017) também corroboraram os deste estudo. Os autores avaliaram as crenças de Autoeficácia para o ensino de estudantes de Pós-Graduação em Engenharia e as relacionaram com características pessoais e acadêmicas dos sujeitos pesquisados. Os resultados do estudo citado anteriormente mostraram níveis de moderados a altos, evidenciando que certas variáveis, como gênero, experiência, desejo pela docência e planejamento apresentaram intensa relação com as crenças de Autoeficácia, no que concerne ao ensino.

Valle et al. (2015) investigaram perfis motivacionais e expectativas de Autoeficácia em 1.858 estudantes de cinco universidades públicas espanholas. Os resultados sugeriram que as expectativas de autoeficácia têm um papel central na relação entre metas e rendimento acadêmico.

RELAÇÃO AUTOEFICÁCIA X SÍNDROME DO IMPOSTOR

Com a finalidade de apresentar a dispersão dos dados do grupo, tem-se o desvio interquartilico, o qual está exposto na Tabela 1.

Tabela 1. *Quartis e Desvio Interquartilico (Q3-Q1) dos escores de Autoeficácia e Síndrome do Impostor*

	Q1	Q2	Q3	Q3-Q1
Níveis de Autoeficácia	222	266	298	76
Níveis da Síndrome do Impostor	48	62	75	27

Com relação aos níveis de Autoeficácia, Q1 se refere aos 25% da amostra que obtiveram os menores escores, equivalente a 222, ainda considerado como nível alto. Quando tais dados são comparados à amostra normativa do instrumento original, o nível moderado é o escore da metade dos graduandos, indicando que os estudantes de Pós-Graduação apresentaram maiores níveis de Autoeficácia que os estudantes da graduação (Polydoro & Guerreiro-Casanova, 2010). Constatou-se que Q2, que se refere a 50% da amostra, assim como Q3, equivalente aos 25% que melhor se autoavaliaram, caracte-

terizaram-se como nível elevado, com escores de 266 e 298, respectivamente.

Com relação aos escores da Síndrome do Impostor, os valores atribuídos às escalas são inversos à anterior, sendo que o Q1 (48) é considerado mais positivo, ou seja, níveis moderados de indicadores da síndrome. Sobre o Q2 e Q3, estes exibiram níveis altos, sendo eles 62 e 75.

Matos (2014) investigou a Autoeficácia e a Síndrome do Impostor no desempenho acadêmico de estudantes pertencentes a grupos minoritários dos cursos de Administração e Ciências Contábeis. Os resultados revelaram que a Síndrome do Impostor se relaciona negativamente com a Autoeficácia, sugerindo que os aspectos culturais influenciam a relação entre as variáveis investigadas (Síndrome do Impostor, Autoeficácia e Desempenho Acadêmico).

A Figura 3 apresenta a dispersão dos quartis na Síndrome do Impostor, em relação ao gênero.

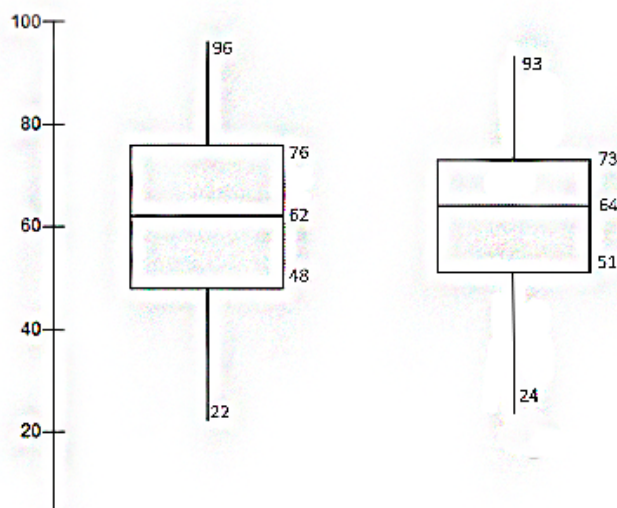


Figura 3. *Comparação da Síndrome do Impostor em relação ao gênero*

Considerando a Síndrome do Impostor no gênero feminino, tem-se o primeiro quadrante (Q1=48) avaliado como moderado e o segundo e terceiros quadrantes, como níveis altos (Q2=62 e Q3=76). O gênero masculino apresentou resultados similares, com o primeiro quadrante com níveis moderados (Q1=51) e o segundo e terceiro quadrantes com níveis altos (Q2=64 e Q3=73).

Levant et al. (2020) corroboram os achados, em sua investigação com estudantes de Medicina. Concluíram que a pontua-

ação média em relação à Síndrome do Impostor e o estresse foi de 63, sendo que as mulheres tiveram um escore 9% maior que o dos homens. Análises feitas por Bernard et al. (2017) sugerem que a Síndrome do Impostor pode interagir com experiências de discriminação racial e de gênero, afetando a saúde mental e o sentimento de incompetência intelectual dessas mulheres. Os dados não refletem substancial diferença nos níveis da Síndrome do Impostor.

A Figura 4 focaliza a dispersão dos quartis na escala de Autoeficácia em relação ao gênero.

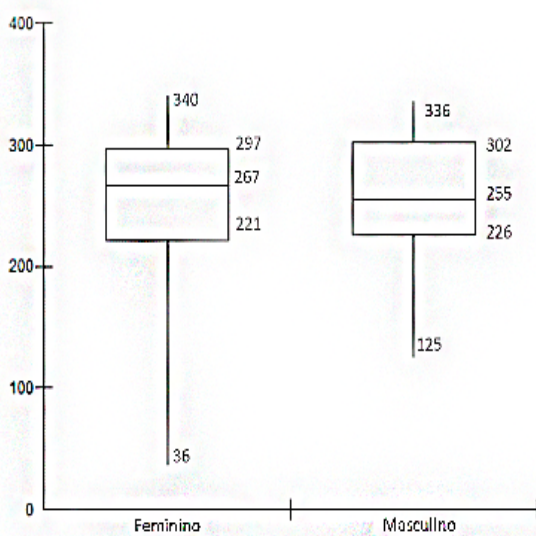


Figura 4. Comparação da Autoeficácia em relação ao gênero

Quanto aos níveis de Autoeficácia, separados por gênero, constatou-se, nos dados femininos, que, mesmo no quadrante inferior (Q1=221), os níveis foram considerados altos. No segundo e terceiro quadrantes, os níveis se mostraram elevados, com escores de 267 e 297, respectivamente. A análise dos dados masculinos revelou altos níveis de Autoeficácia, no primeiro (Q1=226) e segundo quadrantes (Q2=255), e nível elevado, no terceiro quadrante (Q3=302). Considerando os estudos sobre Autoeficácia, Matos e Iachite (2017) a investigaram com 340 estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu* em Engenharia e verificaram níveis altos, em ambos os gêneros.

Os resultados apontaram que a correlação estatística entre as escalas de Autoeficácia e Síndrome do Impostor, avaliada pela correlação de Spearman, foi extremamente significativa ($p < 0.0001$) e inversamente proporcional ($rs = -0.3459$), demonstrando um efeito regular ou moderado. Tal dado demonstra que, quanto menores os escores da Síndrome do Impostor, maiores são os escores de Autoeficácia.

Não foi identificada correlação estatisticamente significativa, por meio da correlação de Spearman, entre a variável número de publicações e a escala da Síndrome do Impostor ($p = 0.9694$, $rs = -0.0027$), bem como entre o número de publicações e a escala de Autoeficácia ($p = 0.5646$, $rs = 0.0410$), as duas correlações demonstraram fracos graus de efeito. É oportuno frisar que apenas o número de publicações não traduz a qualidade do pesquisador, sendo preciso avaliar o nível de impacto dos periódicos de publicação (Lima, 2014).

O isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19 tem afetado diretamente aspectos psicológicos dos indivíduos. Pesquisadores alertaram para a circunstância de que os efeitos negativos das medidas sanitárias, recomendadas pelos órgãos oficiais, podem desencadear prejuízos à saúde mental dos indivíduos, como quadros de ansiedade, depressão e síndrome do pânico (Dias & Pinto, 2020; Enumo & Linhares, 2020; Raony et al., 2020). No presente artigo, realizou-se um retrato transversal dos efeitos da pandemia, sendo que outras investigações podem trazer novas contribuições em longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao recuperar o objetivo geral deste estudo, o qual consistiu em avaliar os níveis de Autoeficácia e Síndrome do Impostor de estudantes de Pós-Graduação *stricto sensu*, em contexto de pandemia da COVID-19, verificou-se que as duas escalas apresentaram correlação estatisticamente significativa e inversamente proporcional, ou seja, quanto maiores os níveis de Autoeficácia, menores os níveis da Síndrome do Impostor. Quanto à Autoeficácia, os pós-graduandos se autoavaliaram em níveis altos a elevados, em sua maioria. Por sua vez, na Síndrome do Impostor, os respondentes avaliaram-se nos níveis alto ou moderado.

Enfatiza-se que a coleta de dados ocorreu no mês de junho de 2020, de modo que a perspectiva era de que o isolamento social não fosse tão longo e que, em breve, as atividades educacionais seriam retomadas presencialmente. Assim, o período da coleta pode ter influenciado a resposta dos participantes.

Ressalta-se a necessidade da concretização de outras pesquisas relacionadas à temática e a determinação das variáveis que interferem nesses construtos, como duração do isolamento social, acesso a medidas sanitárias preventivas e a iniciativas de suporte social e econômico.

Vale destacar a influência mútua entre os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Assim, acredita-se que os efeitos de um período de isolamento social prolongado podem ocasionar momentos de elevada tensão, causando prejuízos na qualidade de vida, imunidade e bem-estar holístico dos indivíduos.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição pode ser atribuída como se segue:

Todas as autoras contribuíram para a conceitualização, coleta de dados, redação do artigo, revisão e edição, por meio de documento compartilhado no Google Docs e redes sociais.

K. M. P foi responsável pela submissão ao comitê de ética de pesquisa.

C. M. M. O e F. D. L. A. formularam o questionário e o colocaram em Formulário online.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada não contou com financiamento de nenhuma agência de fomento.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

As autoras declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandura, A. (1998). Health promotion from the perspective of social cognitive theory. *Psychology and Health*, 13(4), 623-649. <https://doi.org/10.1080/08870449808407422>.
- Bernard, D. L., Lige, Q. M., Willis, H. A., Sosoo, E. E., Neblett, E. W. (2017). Impostor phenomenon and mental health: the influence of racial discrimination and gender. *Journal of Counseling Psychology*, 64(2), 155-166. <https://doi.org/10.1037/cou0000197>
- tBezerra, T. C. G. et al. (2021) *Escala Clance do Fenômeno do Impostor: Adaptação Brasileira*. Psico-USF [online], 26, (2), 333-343. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260211>
- Carneiro, A. M., Granja, C., Oliveira, D. A., Colus, F., Pallone, S. (2020, 22 de maio). *A Pós-Graduação nas universidades estaduais paulistas e a COVID-19: ação e reação*. (Boletim N°7). Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da UNICAMP. https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/2020-05/Boletim%207%20covid%20DPCT%20pos%20graduacao_versa%CC%83olonga%20%281%29.pdf
- Clance, P. R. (1985). *The Impostor phenomenon: when success makes you feel like a fake*. Bantam Books.
- Clance, P. R., IMES, S. A. (1978). The impostor phenomenon in high-achieving women: Dynamics and therapeutic interventions. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 15(3), 244-247. <https://doi.org/10.1037/h0086006>
- Coelho, W. E. (2019). *Ansiedade, Autoeficácia e Motivação nos cursos stricto sensu de ciências contábeis* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/FACE-BEDN5C>
- Cokley, K., Shannon, M., Alicia, E., Mercedes, M. (2013). An Examination of the Impact of Minority Status Stress and Impostor Feelings on the Mental Health of Diverse Ethnic Minority College Students. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 41(2), 82-95. <https://doi.org/10.1002/j.2161-1912.2013.00029.x>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2018). Dados do Geocapes. <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2020). Dados do Geocapes. <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2019). Dados do Sistema Nacional de Pós-Graduação. <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaAvaliacao.jsf?jsessionid=lpC19tcuSCVdbQWNHksjYjWE.sucupira-213>
- Dias, É., Pinto, F. C. F. (2020). A Educação e a Covid-19. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 28(108), 545-554. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002801080001>
- Enumo, S. R. F., Linhares, M. B. M. (2020). Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID- 19: seção temática [Editorial]. *Estudos de Psicologia*, 37, Article e200110. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>
- Haney, T. S., Birkholz, L., Rutledge, C. (2018). A Workshop for Addressing the Impact of the Imposter Syndrome on Clinical Nurse Specialists. *Clinical Nurse Specialist*, 32(4), 189-194. <https://doi.org/10.1097/NUR.0000000000000386>
- Hodges, C., Moore, S., Locke, B., Trust, T., Bond, A. (16 de maio de 2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *EDUCAUSE Review*. <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn3%3E>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Censo Demográfico. Microdados. <https://censo2010.ibge.gov.br/>
- Ladonna, K. A., Ginsburg, S., Watling, C. (2018). Rising to the Level of Your Incompetence: What Physicians' Self-Assessment of Their Performance Reveals About the Imposter Syndrome in Medicine. *Academic Medicine*, 93(5), 763-768. <http://doi.org/10.1097/ACM.0000000000002046>
- Levant, B., Villwock, J. A., Manzardo, A. M. (2020). Impostorism in American medical students during early clinical training: gender differences and intercorrelating factors. *International Journal of Medical Education*, 11, 90-96. <http://doi.org/10.5116/ijme.5e99.7aa2>
- Lima, H. A. (2014). *Análise comparativa de pesquisadores considerando características de múltiplas áreas de pesquisa* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório de Teses da Universidade Federal de Minas Gerais. <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ESBF-9TELZJ/1/harlleaugustolima.pdf>
- Maia, B. R., Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia*, 37. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>

- Matos, M. M., Iaichite, R. T. (2017). Crenças de Autoeficácia docente de pós-graduandos em engenharia: um estudo exploratório. *Perspectiva*, 35(2), 615-637. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n2p615>
- Matos, P. A. V. C. (2014). Síndrome do Impostor e auto-eficácia de minorias sociais: alunos de contabilidade e administração [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <http://doi.org/10.11606/D.12.2014.tde-07012015-175044>
- Meurer, A. M., Costa, F. (2020). Eis o melhor e pior de mim: fenômeno impostor e comportamento acadêmico na área de negócios. *Revista Contabilidade & Finanças*, 31(83), 348-363. <http://doi.org/10.1590/1808-057x201910370>
- Nunes, T. S., Mello Neto, G. A. R. (2018, 3 a 6 de outubro). Assédio moral na Pós-Graduação: do abuso de poder à recusa a diferença. Anais do XLII Encontro da ANPAD, Curitiba, PR, Brasil. http://www.researchgate.net/publication/329351902_Assedio_moral_na_pos-graduacao_do_abuso_de_poder_a_recusa_a_diferenca
- 03 a 06/10/2018
- Organização Panamericana da Saúde. (2009). Proteção da Saúde Mental em Situações de Epidemias. <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situaciones-de-Epidemias--Portugues.pdf>
- Polydoro, S. A. J., Guerreiro-Casanova, D. C. (2010). Escala de Autoeficácia na formação superior: construção e estudo de validação. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 267-278. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000200011&lng=pt&tlng=pt.
- Raony, I. F., Figueiredo, C. S., Pandolfo, P., Araujo, E. G., Bomfim, P. O. S., Savino, W. (2020). Psycho-Neuroendocrine-Immune Interactions in COVID-19: Potential impacts on Mental Health. *Immunology*. 11(1170), 1-15. <https://doi.org/10.3389/fimmu.2020.01170>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3ª ed.). McGraw Hill.
- Shirahmadi, S., Seyedzadeh-Sabounchi, S., Khazaei, S., Bashirian, B., Farhang, A., Bayat, Z., Houshmand, B., Semyari, H., Barati, M., Jenabi, E., Heidarian, F., Zareian, S., Kheirandish, M., Dadae, N. (2020). Fear control and danger control amid COVID-19 dental crisis: Application of the Extended Parallel Process Model. *Plos One Journal*, 15(8), Article e0237490. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0237490>
- Silva, J. V. P., Gonçalves-Silva, L. L., Moreira, W. W. (2014). Produtivismo na Pós-Graduação. Nada é tão ruim que não possa piorar. É chegada a vez dos orientandos!. *Movimento Revista de Educação Física da UFRGS*. 20(4), 1423-1445. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.46187>
- Valle, A., Regueiro, B., Rodriguez, S., Piñeiro, I. (2015). Perfiles motivacionales como combinación de expectativas de autoeficacia y metas académicas en estudiantes universitarios. *European Journal of Psychology of Education*, 8(1), 1-8. <http://doi.org/10.1016/j.ejeps.2015.10.001>

Data de submissão: 26/11/2020
Primeira decisão editorial: 27/12/2021
Aceite: 28/02/2022